

MAGALHÃES, Lígia Cadermatori — **A Cadeia de Significantes e a Insistência do Sentido** — Dissertação de Mestrado

A Dissertação de Mestrado sob o título: "A Cadeia de Significantes e a Insistência do Sentido," da Prof.^a Lígia Cadermatori Magalhães mereceu da nossa parte uma atenção especial tanto pela importância do assunto, como pelas dificuldades que o mesmo oferece.

O terreno da psicanálise trabalhado por uma especialista em Letras nem sempre está isento de perigos e de sérias preocupações.

Jacques Lacan nas últimas décadas vem fazendo caminho na crítica Literária e principalmente na Psicanálise com base nos textos literários. A revelação da pessoa do autor pelos textos escritos.

A mestranda soube vencer os óbices, soube atravessar impediços, soube emergir serena e tranqüila das regiões do **Inconsciente** e trazer à tona ouro e materiais preciosos buscados nessa aventura.

Foi e é sempre uma aventura esquadrihar os mistérios do inconsciente, o âmago da pessoa. Tudo o que se revela ou que se esconde no texto literário.

A professora trouxe uma prova da eficácia do estudo e do trabalho realizado apresentando os processos Metafórico e Metonímico em A Pata da Gazela.

Poderia ter começado de outra maneira, poderia ter feito o trabalho de maneiras diferentes, todas as suposições são válidas, mas a realidade de fato é o trabalho, é a Dissertação feita pela Prof.^a Lígia, objeto do estudo e debates deste momento.

O trabalho é válido e abre novas perspectivas para os estudos e prática de análise e crítica literária.

Prof. Ir. Elvo Clemente

II

NAMORA, Fernando — **Tinha Chovido na Véspera**, Lisboa, Editores Associados, s/d., 216 pp.

O presente volume de F. N. insere narrativas extraídas de vários livros do autor: **Cidade Solitária**, **Retalhos da Vida de um Médico**, 1a. e 2a. séries e de **Um Sino na Montanha**.

A coletânea reúne algumas das narrativas com orientação do próprio autor, e naturalmente, o interesse maior reside no fato de podermos verificar através da análise de um volume do A., sua evolução dentro da forma conto.

Na análise do presente livro de F. N. somos irresistivelmente

levados a compará-lo com os seus romances mais representativos: **Os Clandestinos**, **Domingo à Tarde** e **O Trigo e o Joio**. Disto resulta que embora Namora domine com perfeição a alentada narrativa que é o romance, e prova disso são as três obras que citamos (e a que poderíamos acrescentar **O Homem Disfarçado**) parece ser na narrativa curta que F. Na. encontra seu campo mais fértil.

Percebe-se que claramente o A. domina a narrativa naquilo que ela requer de unidade de tempo, espaço e ação, concentrando-se no que realmente tem interesse, o conflito, deixando de lado o que é adiposidade descritiva e que comprometeria a dinâmica e a objetividade do conto.

A leitura das presentes narrativas assinala a maestria de Fernando Namora que, sem maiores preâmbulos, vai entrando no campo da ação dramática, apresentando o tema, desenvolvendo-o com personagens de traçado breve, logo caminhando para o clímax e o desfecho. Até então, o leitor é sacudido, não raras vezes, por um tenso mistério, e embora aqui o conto seja predominantemente ação, o A. vai direto aos desvãos das personagens, dando-as de corpo inteiro.

Alguns temas prediletos, permitem a Namora criar e manter uma densidade dramática e o principal deles parece ser o da comunicação entre os seres, revelada no doloroso processo de relacionamento, no plano espiritual e físico, a torcer violentamente as psicologias das personagens que entram em contacto. Os outros temas são conseqüentes da incomunicação, como por exemplo, a solidão.

A incomunicação centra-se em especial, em narrativas como "Tinha Chovido na Véspera", "A Fraude", onde o doloroso relacionamento entre homem e mulher constitui-se num comprometimento sentimental e conseqüente condenação à solidão.

A insegurança das personagens diante dos problemas que as afligem bem como a dificuldade de os resolver, num plano de construção do ser em si mesmo e nos outros, também aparecem como aspectos fundamentais destas narrativas.

Algumas delas, como aquelas que foram recolhidas dos **Retalhos da Vida de um Médico**, ressentem-se visivelmente de caracteres autobiográficos mas em outras como as retiradas de **Cidade Solitária**, Fernando Namora atinge o máximo de criação e de imaginação, num perfeito domínio da narrativa curta. Realmente "Tinha Chovido na Véspera" e "Fraude" se constituem nas mais expressivas e bem logradas histórias da presente coletânea porque fixam o que de mais recôndito apresentam as personagens. Nelas, Fernando Namora abandona um pouco a perspectiva social, criando dramas em que o ser se enfrenta a si mesmo, numa evidência de contrastes e contradições que calam fundo. Revela-se especialmente o temor, a vacilação o medo da criatura se assumir no mais

profundo dos seus pensamentos e sentimentos.

Assim é que, na preocupação de focar o ser voltado para si mesmo, num dimensionamento abissal do ser, se revela todo o poder de síntese, na fixação do que é mais decisivo no conto. Aquilo que é fundamental aparece num incidente, um acidente, num momento importante, porque revelador do que é permanente no ser.

Num sentido amplo é possível apontar nestas narrativas curtas de Fernando Namora, duas direções: a social e a psicológica. Aquela presente em "História de um Parto", "O Rapaz do Tambor"; esta, visível em "A Fraude", "Tinha Chovido na Véspera" e "Piquenique".

Partindo de um caráter autobiográfico, até atingir um grau de objetivação da realidade, Fernando Namora se mostra como um exímio criador de conflitos, numa unidade de ação, tempo e espaço em que o interesse vai em crescendo até o clímax da narrativa.

Com tudo isso, a vivência emotiva e crítica eleva o drama de suas personagens das narrativas curtas a altura pouco encontrável na atual Literatura Portuguesa, colocando Fernando Namora ao lado dos grandes contistas da atualidade, caso de José Rodrigues Miguéis, José Cardoso Pires, Manuel da Fonseca e alguns mais.

João Décio

III

MEYERHOFF, — Hans — **O Tempo na Literatura**, São Paulo, Editora McGraw — Hill do Brasil, 1976, 130 pp.

Depois de duas obras fundamentais, traduzidas no Brasil, nos últimos anos, debatendo a problemática do tempo na obra literária (**Tempo e Romance**, de Jean Pouillon e **O Tempo e o Romance** de A. A. Mendilow) eis que aparece em tradução portuguesa, o trabalho em epígrafe, de Hans Meyerhoff.

Desde o início, o A. estabelece a diferença entre o seu livro e o de Jean Pouillon, lembrando que este apenas tangencialmente toca no problema do tempo, enquanto que o seu tem um caráter mais filosófico e geral, embora em muitos passos se apóie em trabalhos literários.

Um dos aspectos fundamentais do presente trabalho é que procura ele destringir as diferenças entre o tempo cronológico e o psicológico, mostrando, com muita procedência, que ambos estão intimamente relacionados, o que constitui um esclarecimento para os que ainda julgavam elementos e realidades estanques.

Assinala, como medida de precaução que seu estudo "não pretende ser um exercício de análise literária" (pref., p. XIV) mas antes uma "comparação entre o tratamento científico e o tratamento literário do tempo" (pref. p. XIV).

O A. lembra ainda no prefácio que outros autores trataram da problemática do tempo de um modo filosófico, caso de Georges Poulet em duas de suas obras, **Estudos Sobre o Tempo Humano e A Distância Interior**.

Ultrapassadas estas preliminares, H. M. passa ao seu estudo propriamente dito, dividindo seu livro em quatro capítulos: "Experiência e Natureza"; "Aspectos do Tempo na Literatura", "O Tempo e o Mundo Moderno" e "Literatura, Ciência e Filosofia".

Destes tópicos, apenas o segundo trata rigorosamente do tempo na obra literária, enquanto que os outros apenas tangencialmente se preocupam com aspectos literários e têm um caráter mais geral.

No capítulo dedicado a "Aspectos do Tempo na Literatura" (por sinal o mais extenso e fulcral do livro) H. M. estuda os modos possíveis do aparecimento da temporalidade, destacando os seguintes: relatividade subjetiva, ou distribuição desigual; fluxo contínuo, ou duração; fusão dinâmica ou interpenetração da ordem causal na experiência e na memória; duração e estrutura temporal da memória em relação à auto-identidade; eternidade e transitoriedade, ou direção temporal para a morte.

Como se pode ver, os dois últimos tópicos extrapolam o aspecto rigorosamente literário e já situam-se no campo da especulação filosófica.

No capítulo dedicado ao estudo da interdependência funcional das duas unidades do tempo e o eu com relação ao passado, cumpre destacar a análise da problemática da memória e da imaginação como tempos fundamentais na criação da obra literária. A propósito do segundo aspecto, assinala Hans Meyerhoff:

"A imaginação criadora é recordação criadora. A recordação é uma atividade, uma operação — não a reprodução passiva das respostas habituais da memória. Construir uma obra de arte é reconstruir o mundo da experiência e do eu." (p. 43).

Outra linha importante defendida por Hans Meyerhoff é o da assunção do tempo como evolução criadora a que se liga a problemática da transitoriedade e da eternidade.

Obra extremamente sugestiva quanto à problemática do tempo na literatura, alargando-se em termos da vida num sentido mais amplo, este **O Tempo na Literatura** revela-se imprescindível para os estudiosos da ficção e mais abrangentemente para os interessados na problemática da vida humana em geral.

João Décio

HUMPHREY, Robert — **O Fluxo da Consciência**, São Paulo, Editora McGraw. Hill do Brasil, 110 pp. (trad. de Gert Meyer), 1976.

O presente ensaio tem por finalidade estudar as implicações literárias do fluxo ou corrente da consciência, para desfazer as confusões que se formaram em torno de aspectos como o da sua relação com a memória, a inteligência, o monólogo interior e que rigorosamente não constituem senão dados que se aproximam daquele processo ou técnica literária. Além disso, R.H. procura assinalar as relações do fluxo da consciência com a psicologia e a psicanálise, centrando-se na análise de sua forma de libertação em relação a tais áreas científicas, para se definir literariamente.

Portanto, a primeira preocupação do A. é fixar exatamente os limites e parâmetros da questão, para depois datar-se no estudo de alguns representantes maiores daquele procedimento artístico, com destaque para James Joyce, Virginia Woolf, William Faulkner e Dorothy Richardson, dentre outros.

O. A. lembra inicialmente que o fluxo da consciência deriva diretamente da psicologia de William James quando afirma que "a descoberta de que lembranças, pensamentos e sentimentos existem fora da consciência primária é o mais importante passo dado à frente pela psicologia (citação do psicólogo, p. 1).

O rigorismo em situar o fluxo da consciência, como algo mais amplo e profundo que a memória, a inteligência e o monólogo interior, leva R. H. a extrapolar daquela corrente os romances de Marcel Proust e Henry James.

Um dos aspectos importantes lembrados ainda pelo A. e que dá novas dimensões à literatura é que "a intenção de introduzir consciência humana na ficção é uma tentativa moderna para analisar a natureza humana" (p. 6).

Como se está a ver, o processo defendido por R. H. liga irrevocavelmente a realidade ficcional com os acontecimentos humanos na medida em que "a consciência é o lugar onde tomamos conhecimento da experiência humana" (p. 6).

Mas o ensaio não permanece no nível teórico, pois em todo o seu desenvolvimento, aparecem ilustrações com textos de James Joyce (**Ulisses**), Virginia Woolf (**Mrs. Dalloway**), William Faulkner (**Enquanto Agonizo**) e Dorothy Richardson (**Pilgrimage**).

Enquanto tece considerações com vistas a comprovar serem todos escritores do fluxo da consciência, R.H. aponta um aspecto de grande relevância e mesmo fundamental para a compreensão da técnica em questão:

Para o romancista do fluxo de consciência, o problema

da forma é o problema de como impor a ordem sobre a desordem.

Ele começa a descrever aquilo que é caótico (a consciência humana a um nível incompleto) e é obrigado a evitar que a sua descrição seja caótica. (p. 77).

No que se refere à presença do monólogo interior, que alguns confundiram com o fluxo da consciência, o A. procura esclarecer, lembrando que aquele, bem como o solilóquio, constituem recursos de narratividade enquanto este resulta ser o conteúdo mesmo do romance.

Obra que se centra na atitude de esclarecer dúvidas, responder a interrogações e esclarecer os aspectos fundamentais do fluxo da consciência como os das formas, das funções, das técnicas, dos artifícios e dos resultados, o trabalho de R. H. mostra que não envelheceu no tempo (a edição original em inglês é de 1954) e que ainda constitui matéria de inquietante atualidade, resultando indispensável para os estudiosos da ficção, em especial a do século XX. Isto constitui um dos maiores méritos dentro os inúmeros que o livro apresenta.

João Décio